

# APRESENTAÇÃO

## A LITERATURA DO SÉCULO DE OURO ESPANHOL

Com a chamada para este dossiê da Revista *Gláuks* visamos dar visibilidade às pesquisas recentes sobre literatura e cultura do Século de Ouro Espanhol no Brasil. Os artigos selecionados e as entrevistas preparadas e realizadas pelos editores do número compõem uma mostra valiosa e significativa da pesquisa realizada no país, na qual ressalta uma pluralidade de interesses com relação aos objetos de estudo, bem como uma diversidade na orientação dos enfoques, métodos e problemáticas abordadas. Essa diversidade também está presente tanto no caráter bilíngue do dossiê, composto por quatro textos escritos em espanhol e três em língua portuguesa, quanto na variedade das instituições dos autores dos textos publicados: Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal de Viçosa, Universidade Estadual de Montes Claros, Universidade do Estado do Rio de Janeiro e *Università del Piemonte Orientale*.

O primeiro artigo do dossiê, “A tradução das expressões idiomáticas em *La hora de todos y la fortuna con seso*, de Francisco de Quevedo y Villegas”, é uma contribuição de especial relevância para as pesquisas brasileiras a respeito da literatura do Século de Ouro. As professoras Andrea Cesco e Cleonice Naedzold de Souza, integrantes do *Núcleo Quevedo de Estudos Literários e Traduções do Século de Ouro*, vinculado ao Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina, comentam uma proposta de tradução e expõem seus pressupostos teóricos com o fim de superar os numerosos obstáculos que se apresentam na tradução da linguagem empregada por Francisco de Quevedo. Justamente essa dificuldade de tradução à outra língua tem provocado que boa parte da literatura espanhola da época barroca não tenha uma maior difusão no Brasil. Ao concentrarem-se nos fragmentos

específicos que incluem expressões idiomáticas enraizadas na tradição cultural espanhola e em jogos de polissemia linguística característicos da retórica barroca, as professoras conseguem propor possíveis soluções e critérios de trabalho para projetos semelhantes que se aventurem na árdua tarefa de traduzir textos literários do barroco espanhol.

No artigo “El *Quijote* moderno. ¿Posmoderno?”, do professor Víctor Lemus, o leitor poderá encontrar tanto a retomada do antigo debate que punha em questão em que sentido se pode afirmar, como fizeram tantos críticos e historiadores literários, que o *Quijote* é o primeiro romance moderno, quanto a introdução de um debate atual, no qual, como alguns apontam, se discute se o romance de Cervantes poderia ser lido a partir de uma ótica pós-moderna e se nele poderíamos encontrar gestos, imagens, atitudes e procedimentos que permitam pensar que o romance, em seus constantes desdobramentos, funciona como base para entender chaves de nossa época. Tal circunstância implica, não obstante, o retorno à delimitação de conceitos, categorias estéticas, períodos históricos a partir da influência que exerce o romance de Cervantes em narradores de diversas épocas e latitudes (Espectros do *Quijote*), originando uma genealogia fértil de experimentos e interpretações do material literaturizável e das formas narrativas (Fernández de Lizardi, Flaubert, Borges, Nabokov, Faulkner, Fuentes) passando por os que o consideram um compêndio da modernidade literária. Admitindo isso sem muitas objeções, o artigo destaca a natureza do *Quijote* de ser um livro sobre livros, leitores, gêneros e estilos, os quais atualiza ao mesmo tempo que se posiciona criticamente diante deles (livros de cavalarias, romance pastoril, romance bizantino, picaresca), em algumas ocasiões os enaltecendo, porém em muitas outras os parodiando, com a fina ironia característica do autor, sem prejuízo ao emprego de outros recursos, como a citação, o pastiche e o simulacro, que seriam também, junto à paródia, procedimentos artísticos e literários inequivocamente característicos da pós-modernidade. Finalmente, o autor do artigo discute possíveis aspectos concomitantes entre o *Quijote* e a pós-modernidade, abordando a condição pós-histórica do herói (sua alienação não seria mais que uma desculpa), uma teoria do direito positivo em conflito com um direito emergente pós-moderno e recursos literários hoje abundantemente empregados que já haviam sido ensaiados com êxito no *Quijote*, como o multiperspectivismo e a metatextualidade.

Em “*El burlador de Sevilla*: mentira e honra no teatro do Século de Ouro” a doutoranda Danielle Olivieri trata de um dos assuntos mais recorrentes da comédia nova áurea, a honra, como elemento imaterial que organiza as relações entre os estratos sociais e, também, dentro de cada um dos estratos, e o faz observando as relações da honra com a mentira. Depois de

*Gláuks: Revista de Letras e Artes- jul-dez, 2021- ISSN: 2318-7131- vol. 21, nº 2* 2

constatar que esse par, honra e mentira, se encontra presente como elementos centrais do argumento de múltiplas obras desse repertório, a autora propõe pontos de partida teóricos, em forma de definições, para honra e mentira, para posteriormente analisar a casuística particular e, sobretudo, a função exercida por ambos conceitos em uma das obras mais representativas: *El burlador de Sevilla y el convidado de piedra*, dando lugar a uma análise sugestiva dos motivos dos personagens e do sentido de algumas passagens deste clássico da dramaturgia universal.

O artigo seguinte, “*La hermosura de Angélica y el proyecto nacional de Lope de Vega*”, do professor Wagner Monteiro, aborda a produção épica de Lope de Vega para apontar, não tanto a já conhecida filiação desta com a influência italiana, especialmente com *Orlando Furioso*, de Ariosto, mas para destacar o propósito fundamental de Lope nesta faceta literária, o qual não era movido unicamente pela imitação do modelo para reivindicar-se como referente da épica espanhola, mas para recriar este repertório a partir de referências nacionais, o que implicava, de fato, em atualizar o vínculo entre a épica e a política, com o enaltecimento da monarquia hispânica e de suas figuras mais proeminentes.

O artigo de Edwirgens A. Ribeiro Lopes de Almeida “A representação de gêneros nos tempos de Cervantes: *La española inglesa*” apresenta uma reflexão sobre a representação feminina e as relações de gênero no contexto do Século de Ouro espanhol. Para isso, o estudo do tema alterna-se entre a análise da representação feminina presente nas páginas da *La Española Inglesa* e uma leitura contemporânea do romance que enfatiza, na atualidade, o pensamento de Cervantes. Na análise, a pesquisadora evita em todos os momentos o anacronismo sem renunciar a relacionar criticamente as relações de gênero encontradas no romance com propostas teóricas atuais. Desta forma, o artigo questiona como os mecanismos da ironia cervantina alcançaram problematizar a ordem social estabelecida e o discurso moral de cunho contrarreformista que imperava na Espanha da época.

O presente número da Revista *Gláuks* conta, ainda, com a publicação da conversa entre o professor Miguel Ángel Zamorano e o professor José Manuel Martín Morán, catedrático da *Universitá del Piamonte Orientale* e, sem dúvidas, um dos maiores pesquisadores da obra de Cervantes na atualidade, com mais de uma centena de publicações dedicadas ao clássico autor espanhol. O diálogo entre os professores tem como tema central o *Quixote* e se desenvolve em um tom acessível e ameno que concede prioridade a oralidade, mantendo em todo momento uma estimulante e interessante densidade intelectual. Durante a conversa, os investigadores repassam assuntos essenciais para os estudos cervantinos das últimas décadas e comentam

alguns dos conceitos e ideias chaves desenvolvidos por Martín Morán ao longo de sua carreira: desde as diferenças entre a primeira e a segunda parte do *Quixote* até a relação com o *Orlando Furioso* de Ariosto, passando pelo tratamento dos gêneros literários por parte do Cervantes, a picaresca, a importância da autoconsciência do personagem central no *Quixote* de 1615, entre outros assuntos de inquestionável interesse. Esse diálogo se apresenta como um complemento extraordinário para aqueles que já conhecem a obra do professor Martín Morán e uma introdução perfeita para os leitores que ainda não tiveram a oportunidade de inserir-se em seus estudos imprescindíveis sobre Cervantes.

Finalmente, o diálogo entre o professor Carlos Ferrer Plaza e Luis Hostalot nos permite conhecer a experiência de um ator e diretor de seu próprio espetáculo, que durante quarenta anos levou o *Quixote* aos palcos com sucesso de público em diversos espaços, como ruas, praças, teatros comerciais e festivais. Essa experiência, que se apoia na formação jogresca do ator criador, carregada de matizes reveladores sobre o processo artístico entre um grande livro e os palcos, com sua adaptação a diferentes âmbitos e formatos, vai descobrindo não só as estratégias estéticas e ideológicas, a seleção dos temas, “os livros, as batalhas, o amor e a morte”, que conduziram à adaptação, quanto os aspectos biográficos, os condicionamentos materiais e históricos que rodeiam a vida de um ator, de um artista da atuação que se encontra com seu destino, o projeto de encarar um dos grandes clássicos da literatura ocidental. A sensação de teatralidade que se desprende do *Quixote* produziu inúmeros estudos que vinculam o romance com o mundo do teatro e dos palcos. Essa sensação deu lugar a diversas adaptações e espetáculos, porém poucas montagens perduraram por tanto tempo, com aplausos e aprovação gerais, como a de Luis Hostalot. Ler essa entrevista é a melhor maneira de despertar um duplo desejo: por um lado, de assistir à peça, ainda que seja pela internet; e por outro, buscar entre as páginas, passagens e episódios do *Quixote* que Hostalot recria, com o intuito de comprovar que a encenação do romance está, certamente, à altura da teatralidade do livro.

Esta breve apresentação dos trabalhos reunidos no dossiê revela uma perspectiva alentadora para os estudos da literatura e a cultura do Século de Ouro no Brasil. Sendo assim, acreditamos que o dossiê alcançou o objetivo de reunir contribuições de temáticas variadas e perspectivas teóricas heterogêneas que, ao serem publicadas em conjunto, fomentam um estimulante diálogo. Esperamos que os textos aqui reunidos possam servir de apoio e acicate para outros trabalhos concentrados na inesgotável área de pesquisa do Século de Ouro espanhol.

Ademais, na seção *Varia*, publicamos neste número da revista *Gláuks* o ensaio “As flores dirigem sua carola para o sol: reflexões pré-pandêmicas sobre o cânone, a leitura e o ensino de literatura”, de Dirceu Magri. O professor, motivado por suas pesquisas e experiências de ensino anteriores ao aparecimento da pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2, discute a respeito do cânone e as suas relações com os hábitos de leitura e a formação de leitores no Brasil, ciente de que suas reflexões podem se firmar como arrazoadas para debates futuros, quando provavelmente serão confrontadas as mudanças ocorridas nestes últimos dois anos de importantes restrições no âmbito da educação e da divulgação da literatura, com consequências ainda incertas.

Por fim, gostaríamos de aproveitar a oportunidade para manifestar nosso agradecimento a todos os autores, pareceristas e colaboradores que contribuíram para a publicação deste número da Revista *Gláuks*.

Desejamos uma ótima leitura.

Carlos Ferrer Plaza (Universidade Federal de Viçosa)  
Miguel Ángel Zamorano Heras (Universidade Federal do Rio de Janeiro)  
Editores deste número

# PRESENTACIÓN

## LA LITERATURA DEL SIGLO DE ORO

Con la llamada de este número monográfico la revista *Gláuks* quiso exponer y dar visibilidad a la investigación reciente en Brasil sobre literatura y cultura del Siglo de Oro español. Como resultado, los textos seleccionados junto a las dos entrevistas, encargadas y realizadas por los editores, componen una muestra valiosa y significativa, que resalta una pluralidad de intereses en la selección de objetos de estudio, así como una diversa orientación en los enfoques, métodos y problemas abordados. Esta diversidad también se ve reflejada tanto por el carácter bilingüe del dossier, con cuatro textos en español y tres en lengua portuguesa, como por la variedad de instituciones a las que pertenecen los autores publicados: Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal de Viçosa, Universidade Estadual de Montes Claros, Universidade do Estado do Rio de Janeiro y *Università del Piemonte Orientale*.

El primer artículo del dossier, “A tradução de expressões idiomáticas em *La hora de todos y la fortuna con seso*, de Francisco de Quevedo y Villegas”, es una contribución de especial relevancia en la investigación brasileña de la literatura del Siglo de Oro. Las profesoras Andrea Cesco y Cleonice Naedzold de Souza, integrantes del *Núcleo Quevedo de Estudos Literários e Traduções do Século de Ouro*, vinculado al Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras de la Universidade Federal de Santa Catarina, comentan una propuesta de traducción, exponiendo sus principales fundamentos teóricos, con el fin de superar los numerosos obstáculos que presenta el lenguaje empleado por Francisco de Quevedo. Es precisamente esa dificultad en la traslación a otra lengua la que ha provocado que una buena parte de la literatura barroca creada en España no tenga una mayor difusión en Brasil. Al concentrarse específicamente en fragmentos que incluyen expresiones idiomáticas enraizadas

en la tradición cultural española o juegos de polisemia lingüística característicos de la retórica barroca, el artículo consigue abrir caminos, proponer posibles soluciones y criterios de trabajo para proyectos semejantes que se aventuren por la intrincada tarea de traducir textos literarios del barroco español.

En el artículo del profesor Víctor Lemus, “El *Quijote* moderno. ¿Posmoderno?”, el lector podrá encontrar tanto la retomada de un antiguo debate, que se preguntaba en qué sentido puede afirmarse, como lo hicieron tantos críticos e historiadores literarios, que el *Quijote* es la primera novela moderna, cuanto la introducción de un debate actual, en el cual, como algunos apuntan, se discute si el *Quijote* podría leerse desde una óptica posmoderna y encontrar en él gestos, imágenes, actitudes, procedimientos que hagan pensar que también, en su despliegue interminable, funciona como matriz para entender claves de nuestra época. Tal circunstancia entraña, no obstante, volver a delimitar conceptos, categorías estéticas, períodos históricos, desde la influencia que ejerce la novela de Cervantes en narradores de diversas épocas y latitudes (Espectros del *Quijote*) originando una fructífera genealogía de experimentación e interpretaciones con el material *literaturizable* y las formas narrativas (Fernández de Lizardi, Flaubert, Borges, Nabokov, Faulkner, Fuentes) pasando por algunas de las consideraciones que lo harían epítome de la modernidad literaria. Admitido esto sin demasiadas objeciones hoy en día, se destaca la naturaleza del *Quijote* de ser un libro sobre libros y lectores, y sobre géneros y estilos, que los actualiza posicionándose críticamente ante ellos (libros de caballerías, novela pastoril, novela bizantina, picaresca), en ocasiones enalteciéndolos, pero en otras muchas parodiándolos, con la fina ironía a que su autor nos acostumbró, sin el menoscabo de empleo de otros recursos, como la cita, el pastiche o el simulacro, que serían también, junto a la parodia, procedimientos artísticos y literarios inequívocos de la posmodernidad. Finalmente, el autor del artículo discute posibles aspectos concomitantes entre el *Quijote* y la posmodernidad, abordando la condición posthistórica del héroe (su enajenación no sería más que una excusa), una teoría del derecho positivo en conflicto con un emergente derecho posmoderno, y recursos literarios hoy abundantemente empleados que ya habrían sido ensayados con éxito en el *Quijote*, como el multiperspectivismo y la metatextualidad.

En “*El burlador de Sevilla: mentira e honra no teatro do Século de Ouro*” la doctoranda Danielle Olivieri trata uno de los asuntos más recurrentes de la comedia nueva áurea, el honor, como elemento inmaterial que organiza las relaciones sociales entre los estamentos, pero también dentro de cada estamento, y lo hace observando la relación de este con la mentira. Tras

constatar que esta pareja de baile, honor y mentira, se hallan presentes como elementos centrales del argumento en múltiples obras de este repertorio, la autora propondrá unos puntos de partidas teóricos, a modo de definiciones, para honor y mentira, para posteriormente proceder a analizar la casuística particular y sobre todo la función con que se emplean ambos en una de las obras más representativas del repertorio: *El burlador de Sevilla*, dando lugar a un sugestivo análisis de los motivos de personajes y del sentido de algunos pasajes en este clásico de la dramaturgia universal.

En el siguiente artículo, “*La hermosura de Angélica* y el proyecto nacional de Lope de Vega”, el profesor Wagner Monteiro se adentra en la producción épica de Lope de Vega para apuntar, no tanto la archiconocida filiación de esta con la influencia italiana, especialmente con *Orlando Furioso*, de Ariosto, sino para destacar que el propósito fundamental de Lope, en esta faceta literaria, no era movido únicamente por la imitación del modelo, para reivindicarse como referente de la épica española, sino por recrear este repertorio desde coordenadas nacionales, lo que implicaba, de hecho, reactualizar el vínculo entre épica y política, con el enaltecimiento de la monarquía hispánica y de sus preeminentes figuras.

El artículo de Edwirgens A. Ribeiro Lopes de Almeida “A representação de gêneros nos tempos de Cervantes: *La española inglesa*” presenta una reflexión sobre la representación femenina y las relaciones de género en el contexto del Siglo de Oro español. Para ello, el estudio alterna el análisis de la representación femenina presente en las páginas de *La española inglesa* y una lectura contemporánea de la novela que hace hincapié en la actualidad del pensamiento de Cervantes. En el análisis, la investigadora evita en todo momento el anacronismo sin renunciar a relacionar críticas sobre las relaciones de género encontradas en la novela con propuestas teóricas actuales. De esta forma, el artículo indaga en cómo los mecanismos de la ironía cervantina logran problematizar el orden social establecido y el discurso moral de cuño contrarreformista imperante en la España de la época.

El presente número de la Revista *Gláuks* se enriquece con la publicación de la conversación entre el profesor Miguel Ángel Zamorano y José Manuel Martín Morán, catedrático de la *Università del Piamonte Orientale* y, sin lugar a duda, uno de los investigadores más importantes de la obra de Cervantes en la actualidad, con más de un centenar de publicaciones dedicadas al autor español. El diálogo entre los dos profesores tiene como tema central el *Quijote* y se desarrolla en el tono accesible y ameno que otorga la oralidad,



manteniendo en todo momento una estimulante y jugosa densidad intelectual. Durante la charla, los investigadores repasan asuntos esenciales para los estudios cervantinos de las últimas décadas y comentan algunos de los conceptos e ideas clave desarrollados por Martín Morán a lo largo de su carrera: desde las diferencias entre la primera y segunda parte del Quijote hasta la relación con el *Orlando Furioso* de Ariosto, pasando por el tratamiento de los géneros literarios por parte de Cervantes, la picaresca, la importancia de la autoconciencia del personaje central en el Quijote de 1615, entre otros asuntos de incuestionable interés. Un diálogo que se presenta como un extraordinario complemento para aquellos que ya conocen la obra del profesor Martín Morán y una introducción perfecta para los lectores que aún no han tenido la oportunidad de adentrarse en sus imprescindibles estudios sobre Cervantes.

Finalmente, la conversación que Luis Hostalot mantiene con el profesor Carlos Ferrer Plaza nos permite conocer la experiencia de un actor y director de su propio espectáculo, que durante cuarenta años llevó el *Quijote* a la escena con éxito de público en muy diversos espacios, como calles y plazas de localidades, teatros comerciales y festivales. Esa experiencia, que se apoya en la formación juglaresca del actor creador, cargada de matices reveladores sobre el proceso artístico entre el gran libro y la escena, con su adaptación a diferentes formatos y ámbitos, va descubriendo no solo las estrategias estéticas e ideológicas, la selección de temas, “los libros, las batallas, el amor y la muerte”, que condujeron a tal adaptación, cuanto los aspectos biográficos, los condicionamientos materiales e históricos que rodean la vida de un cómico, de un artista de la actuación que se cita con su destino, el proyecto de encarar uno de los grandes clásicos de la literatura occidental. La sensación de teatralidad que se desprende del *Quijote* ha producido innumerables estudios vinculando la novela con el mundo del teatro y la escena. Esa sensación dio lugar a múltiples adaptaciones y espectáculos, pero pocos montajes pervivieron por tanto tiempo, con aplauso y aprobación generales, como el de Luis Hostalot. Leer esta conversación es la mejor manera de despertar un doble deseo: por un lado, acudir a ver una de sus grabaciones, aunque sea por internet; por otro, espigar las páginas, pasajes y episodios del *Quijote* que Hostalot recrea, para comprobar que la novelización escénica está, ciertamente, a la altura de la teatralidad del libro.

Esta breve presentación de los trabajos reunidos en el número monográfico revela un panorama alentador para los estudios sobre la literatura y la cultura del Siglo de Oro español en Brasil. Como suele decirse al final de este tipo de convocatorias, no están todos los que son pero sí son todos los que están. El dossier logra el objetivo de reunir contribuciones con una

variedad temática y perspectivas teóricas heterogéneas que, al ser publicadas en conjunto, fomentan un estimulante y enriquecedor diálogo. Esperamos que los textos aquí reunidos sirvan de apoyo e incentivo para otros trabajos dedicados al inagotable campo de investigación de la literatura del Siglo de Oro.

Además, en la sección *Varia* del presente número, publicamos el ensayo “As flores dirigem sua carola para o sol: reflexões pré-pandêmicas sobre o cânone, a leitura e o ensino de literatura”, de Dirceu Magri. Este profesor, motivado por investigaciones y experiencias en el ámbito de la enseñanza anteriores a la aparición de la pandemia provocada pelo virus SARS-CoV-2, reflexiona sobre canon literario y su relación con los hábitos de lectura y la formación de lectores en Brasil, consciente de que las reflexiones presentadas se incorporarán de forma coherente a los debates futuros, cuando probablemente se discutirán con un mayor distanciamiento los cambios producidos en los dos últimos años de importantes restricciones en el ámbito de la educación y de la divulgación de la literatura, con consecuencias todavía inciertas.

Por último, queremos aprovechar la oportunidad para expresar nuestro agradecimiento a todos los autores, evaluadores y colaboradores que contribuyeron a la publicación de este número de la Revista *Gláuks*.

Deseamos una excelente lectura.

Carlos Ferrer Plaza (Universidade Federal de Viçosa)  
Miguel Ángel Zamorano Heras (Universidade Federal do Rio de Janeiro)  
Editores de este número